

***O Anonymo* [1752-1754], a excelência historiográfica de um periódico português nos meados do século XVIII**

Eurico José Gomes Dias^(*)

O peculiar periódico conhecido como *O Anonymo*, da autoria do padre Bento Morganti – embora este não se identificasse oficialmente como o seu mentor –, pertence a uma categoria de publicações que marcaram o universo periódico português na charneira do século XVIII. Altamente mordaz, embora sem praticar um discurso ofensivo, *O Anonymo*⁽¹⁾ assumia-se como um órgão de utilidade pública e social, aspirando a ser um “conselheiro” do público leitor nas questões práticas da vida quotidiana numa época em que a esfera do Social ganhava cada vez mais protagonismo. Foi, portanto, um dos primeiros periódicos publicados no início do período pombalino, tendo sido *O Anonymo* um jornal de instrução aprazível e de salutar entretenimento.

Bento Morganti [1709-?],⁽²⁾ presbítero secular, era licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra e foi prelado na Sé de Lisboa.

^(*) Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração de Santarém. Pós-graduado em Direito da Comunicação pela da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-graduado e Mestre em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Doutorando em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador bolsheiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia e investigador associado do Centro de Investigação da Academia Militar. Auditor do Curso de Política Externa Nacional, pelo Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

⁽¹⁾ Cft. PEREIRA, A. X. da Silva – «O Anonymo...», in *Diccionario Jornalístico Portuguez*, vol. I, Academia das Ciências de Lisboa, [manuscrito], Lisboa, [s. d.], pp. 70-71; CUNHA, Alfredo da – *História da Imprensa Portuguesa*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1941, p. 243 [com outras indicações bibliográficas]; «O Anónimo», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. II, p. 759; TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.^a edição revista e aumentada, Editorial Caminho, Lisboa, 1989, pp. 45-46; *Catálogo das Publicações em Série*, BPMP, Porto, p. 23; LISBOA, João Luís – «Chronologie des Nouvelles manuscrites et imprimées au Portugal», [s. n.], p. 435; ALVES, José Augusto – *O poder da Comunicação*, Campo das Letras, Lisboa, 2005, p. 153.

Cumpre-nos referir que o amplo estudo doutoral intitulado *O Anónimo, journal portugais du XVIII^e Siécle (1752-1754)*, com leitura, introdução e notas de Marie-Helene Piwnik, Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1979, foi a obra sobre a qual baseamos as nossas interpretações.

⁽²⁾ Cft. MACHADO, Diogo Barbosa – «Bento Morganti», in *Biblioteca Lusitana*, vol. I, pp. 506-507; vol. IV, pp. 73-74; SILVA, Inocêncio Francisco da – «Bento Morganti», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. I, pp. 349-350; vol. VIII, p. 375; «Bento Morganti», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XVII, p. 889.

Foi um escritor profícuo e versado em vários temas de investigação histórica e científica, tendo sido autor de dois periódicos hoje quase desconhecidos entre nós – *O Anonymo* [1752-1754], composto por 4 colecções distintas e compreendendo 42 números semanais, em formato «in-quarto»; e o periódico *Tardes de Maio* [1758],⁽³⁾ em apenas 8 números e, segundo tudo o indicia, hoje irremediavelmente desaparecido. Este autor compreendeu que as suas investigações se tornariam muito mais conhecidas se as publicasse em formato periódico, pelo que encetou diversos esforços para comentar e noticiar matérias tão distintas como a Moral, a História ou a Astronomia, por exemplo, de modo a tentar agradar a um público cada vez mais interessado.

E terá apostado, sobretudo, na divulgação de dados e curiosidades históricas, onde os temas medievos parecem ter-lhe despertado um interesse acrescido, como se comprova pela redacção de diversos esboços reservados a pequenas histórias ou lendas provenientes da Idade Média. Estas iniciativas tinham, como se sabe, o objectivo de entreter e incutir nos leitores o respeito e a admiração pelos feitos e as peripécias de personagens, acontecimentos ou cenas do quotidiano medieval, tais como a análise dos eclipses ou do interesse pela contagem do tempo, entre outros tantos assuntos díspares:

“Os eclipses [que] se chamam anulares, os quais são muito raros, de sorte que, examinando exactamente Monsieur Struyck⁽⁴⁾ todos os eclipses que têm sucedido desde o ano de 721 até o de 1485, não encontrou mais do que um, achando dos centrais dois, e dos totais 90, conforme o cômputo ordinário dos autores. Desde o ano de 401 até o de 1469 ter havido 59 eclipses anulares [...]”⁽⁵⁾

⁽³⁾ Bento Morganti foi também o mentor do *Tardes de Maio, ou tardes de passeio, passadas em conversação erudita, para servir de instrucção á mocidade portugueza, e de introducção á geographia...*, jornal publicado por José da Costa Coimbra, Lisboa, 1758. Deste periódico existem registos de terem sido impressos oito números, em formato «in-quarto», contendo na sua totalidade 62 fólhos. Após apuradas pesquisas e indagações pessoais, não nos foi possível analisar este periódico em particular, pois em nenhum acervo ou livraria o conseguimos localizar, apesar de ter sido referenciado pela quase totalidade dos autores aqui apontados. De qualquer modo, optamos por discorrer um pouco mais longamente acerca de *O Anonymo*, em jeito de compensação por uma falta que não nos foi possível remediar.

⁽⁴⁾ Refere-se ao astrónomo holandês Nicholas Struyck [1686-1769].

⁽⁵⁾ Cft. MORGANTI, Bento – «Sobre os eclipses», in *O Anonymo, repartido pelas semanas, para divertimento, e utilidade do publico*, n.º 11, Officina de Pedro Ferreira, Lisboa, 1753, pp. 86-87. Do mesmo autor, veja-se o seu interesse sobre o assunto em *Breve discurso sobre os cometas, em que*

Sem relação aparente entre si, os artigos de *O Anonymo* destacam-se e relacionam-se entre si formando um conjunto fragmentário, embora formando um *corpus* precioso para a nossa reflexão ao focarem múltiplos assuntos para fins lúdicos e morais, daí a sua apresentação algo dispersa e sem um aparente fio condutor entre si, como sucede, a título exemplificativo, na referência aos ornamentos sobre os dentes na Idade Média:

“Marco Polo escreve que, no seu tempo, os homens e as mulheres da provincia de Cardandan,⁽⁶⁾ sujeita ao Grão Cão de Tartaria, trazem sobre os dentes uma subtilíssima chapa ou cobertura de ouro, para mostrar que os têm desta cor.”⁽⁷⁾

Bento Morganti dedicou algumas considerações críticas aos bailes públicos e de máscaras em Portugal, cuja origem fazia remontar aos finais da nossa Idade Média, assim como aos malefícios dos comportamentos sociais daí advenientes.⁽⁸⁾ Aquando da extinção do antigo cabido da Sé catedral de Lisboa por mandado de D. João V [1742] e a posterior instalação da basílica de Lisboa, sob o padroado régio, foi necessário reformar várias instalações dentro do mesmo edifício, procedendo-se a diversas obras de reformulação, embora com um procedimento caótico e com pouco respeito pelo seu património.

Bento Morganti, movido de uma incansável curiosidade e de um apurado sentido crítico, decidiu-se a analisar as várias sepulturas aí presentes [tenha-se em conta que, pela descrição que faz do “método arqueológico” usado, a modernidade da sua actuação], nomeadamente

se mostra a sua natureza sua duração, seu nascimento..., Oficina de Francisco Borges de Sousa, Lisboa, 1757.

⁽⁶⁾ «Curiosidades, incluindo usos totémicos, das províncias de Karazan e Kardandan», in *O Livro de Marco Polo*, Livro II, Portugália Editora, Lisboa, 1971, cap. XIV, pp. 217-218.

⁽⁷⁾ Cft. MORGANTI, Bento – «Sobre os dentes», in *O Anonymo*, n.º 1, 1754, p. 8;

⁽⁸⁾ Acerca da introdução dos bailes públicos em Portugal, cuja origem se parece localizar aquando das bodas de D. João I com D.^a Filipa de Lencastre [1387], no Porto, veja-se MORGANTI, Bento – «Dos bailes públicos e de máscaras», in *O Anonymo*, 1754, pp. 61-72. “E a quimta feira foraõ as gemtes da çidade juntas em desvairados bamdos de joguos e damças per todallas partes e praças, com muitos trebelhos e prazeres que fazião. Aaas principaes ruas per huu esta festa avia de ser todas heraõ semeadas de desvairadas verduras e cheiros. E ell Rey sayo daqueles paços em çima de huu cavalo bramquou, em panos douro reallmente vestido; e a Rainha [em] outro tall, muy nobremente guoarnida.” Cf. LOPES, Fernão – «Como el Rei fez voda com sua mulher na cidade do Porto», in *Crónica de D. João I*, edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto, vol. II, Livraria Civilização, Porto, 1990, cap. XCV, p. 223; GUIMARÃES, J. Ribeiro – *Summario de Varia Historia: narrativas, lendas, biographias, descripções de templos e monumentos...*, vol. II, Rolland & Semiond, Lisboa, 1872, p. 192.

a de D. Fernando Álvares, que houvera sido bispo de Lisboa entre os anos de 1369 e 1371 e, ao que apuramos, teria sido transferido posteriormente para Sevilha, embora fosse sepultado na sé do seu antigo bispado:

“Entendo tendo ser esta sepultura a mais antiga que havia na capela-mor, porque, da inscrição que cercava a pedra, se vê ser feita na era de 1400, como se entende pelo M e quatro IIII, que corresponde aos anos de 1362. [...] Logo na entrada do arco, da mesma parte da Epistola, estava outra campa, cercada de um letreiro gótico antigo e, no meio, uma figura de relevo, vestido em hábito pontifical na forma seguinte. [...] Cujas sepultura parece ser de D. Fernando,⁽⁹⁾ bispo de Lisboa, porque entre os arcebispos se não encontra outro deste nome mais que D. Fernando,⁽¹⁰⁾ filho de D. Afonso, I.^o conde de Penela. Não apareceram fragmentos alguns que se houvessem de repor, ou, se os havia, já não cheguei a tempo de os livrar da confusão, por ser esta sepultura das primeiras em que se buliu.”⁽¹¹⁾

Analisando profundamente outras sepulturas eclesiásticas presentes na Sé de Lisboa e publicando as suas conclusões em *O Anonymo*, Bento Morganti dá a conhecer a público o estado do túmulo de D. João Afonso de Azambuja, que houvera sido bispo de Silves, do Porto e de Coimbra. Foi nomeado o segundo arcebispo de Lisboa [1402] e elevado ao cardinalato em Junho de 1411 pelo papa Gregório XII, falecendo em Bruges [1415], aquando regressava de Roma, tendo sido sepultado na Sé de Lisboa.⁽¹²⁾ Note-se o cuidado bibliográfico de Bento Morganti e o seu interesse em lembrar os feitos patrióticos deste prelado em favor do Mestre de Avis,⁽¹³⁾ de quem fora uns dos seus mais fiéis seguidores:

⁽⁹⁾ D. Fernando Álvares foi bispo de Lisboa entre 1369 e 1371, sucedendo a D. Pedro Gomes Barroso. Ao que apuramos, foi transferido posteriormente para Sevilha. Cft. «D. Fernando Álvares», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. II, p. 199; OLIVEIRA, P. Miguel de – *História Eclesiástica de Portugal*, edição revista e actualizada, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994, p. 307.

⁽¹⁰⁾ *Nobiliário das Famílias de Portugal*, vol. X, 2.^a edição, [s. n.], Braga, 1989, p. 119.

⁽¹¹⁾ MORGANTI, Bento – «Memorial de Antiguidades», in *O Anonymo*, n.º 14, 1754, pp. 12-13;

⁽¹²⁾ «D. João Afonso de Azambuja», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. III, p. 887; OLIVEIRA, P. Miguel de – *ob. cit.*, p. 307.

⁽¹³⁾ Cf. LOPES, Fernão – «Como morreo ho Papa Urbano e el Rey mamdou seus embaixadores a Bonifacio», in *Crónica de D. João I*, vol. II, cap. CXXIII, pp. 271-272.

“Junto a esta, no meio da capela, estava outra sepultura, [...] pela falta de inscrição se não pode saber o sujeito, discorro que seria o cardeal João, arcebispo de Lisboa. [...] Sabe-se que D. João Afonso de Azambuja foi segundo arcebispo de Lisboa e fundou o mosteiro de Salvador, de religiosas da ordem de Santo Domingos [...] E na capela-mor da igreja do dito mosteiro, da parte do Evangelho, se acha o epitáfio seguinte: *Senhor D. Ioam Arcebispo de Lisboa, e Cardeal de Roma Baram sabedor, e virtuoso.*

Tem por armas ao pé dele três escudos, cada um com quatro barcas. O Papa João XXIII o criou cardeal no ano de 1411, em Novembro do mesmo ano o faz Gaspar Álvares⁽¹⁴⁾ no terceiro quaderno da nobreza, fól. 41, e em Junho, Ciacconio.⁽¹⁵⁾ Foi este prelado natural da vila da Azambuja, de onde tomou o apelido. Teve ilustre nascimento, porque de seus ascendentes se faz comemoração no livro dos óbitos de São Vicente: *Idibus Martii obiit Domnus Jufre de Azambuja.* e parece ser dos que se acharam na tomada de Lisboa.

Imitando o valor e o zelo com que seus ilustres antepassados serviram a patria, se achou este prelado em várias ocasiões de guerra, porque, no capítulo 12 da primeira parte da *Crónica del-Rei D. João I*, se nomeiam os cavalheiros de Lisboa que ajudaram o Mestre de Aviz a sustentar o cerco no verão de 1384 e, entre eles, se acha Afonso Esteves de Azambuja, e João Afonso, seu filho, que depois foi cardeal; e no capítulo 19 da segunda parte, indo el-Rei da Golegã para Santarém, no ano de 1385, com a gente de guerra que levava ordenada em batalha, entre os fidalgos e pessoas notáveis, se nomeia João Afonso de Azambuja, que depois foi cardeal.⁽¹⁶⁾

Foi por embaixador de el-Rei D. João I a Castela, e levou por companheiros a João Vasques de Almada e Martim de Sem, pessoas de grande autoridade; e repetiu segunda vez a mesma embaixada, como refere o ilustríssimo D. Rodrigo da Cunha.⁽¹⁷⁾ [...] Faleceu no ano de 1415, na cidade de Burgos, vindo de Roma para este reino.”⁽¹⁸⁾

⁽¹⁴⁾ Referir-se-ia, muito provavelmente, à obra inédita de MACHADO, Gaspar Álvares Lousada – *Liuro da nobreza dos fidalguos de Portugal tresladado bem e fielmente de hua coronica antiga que trataua domde deçendião suas geraçoens e apellidos* [manuscrito]. Cft. MACHADO, Diogo Barbosa – «Gaspar Álvares Lousada Machado», in *Bibliotheca Lusitana*, vol. II, pp. 329-321; SILVA, Inocêncio Francisco da – «Gaspar Álvares Lousada Machado», in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. III, pp. 122-123.

⁽¹⁵⁾ Bento Morganti refere-se a Alphonse Chacon [1540-1599] (conhecido também por *Ciacconio*) e que foi o autor de *Histoire des Papes et des Cardinaux...*, publicada postumamente em Roma, em 1601.

⁽¹⁶⁾ Conferidas as indicações bibliográficas de Bento Morganti, de acordo com a edição da *Crónica de D. João I*, edição da Livraria Civilização, [1946], 1990.

Desde os finais da Idade Média, os múltiplos relógios públicos que surgiam nas cidades europeias representavam um crescente sinal de riqueza e de primor civilizacional dessas urbes, sendo frequentemente comprados com os tributos de toda uma cidade.⁽¹⁹⁾ A invenção do relógio mecânico esteve intimamente ligada às necessidades da vida religiosa, já que os processos de medição do tempo através de relógios de sol, de relógios de água [ou clepsidras], de areia ou ampulhetas eram limitados e erráticos para quem se regia diariamente por esses tempos de oração.

Esses instrumentos gigantescos eram feitos de ferro e madeira e compostos por rodas dentadas, sendo impulsionados por vários pesos e mostravam, geralmente, um círculo dividido em doze partes com um único ponteiro de horas [o dos minutos era escusado, tal era a imprecisão]. Estes mecanismos terão sido inventados por Gerbert d'Aurillac, que mais tarde viria a ser papa, com o nome de Silvestre II.⁽²⁰⁾

⁽¹⁷⁾ Conferir os comentários de D. Rodrigo da Cunha [1577-1643] às *Cronicas del Rey Dom João... o I. deste nome e dos reys de Portugal o X. e as dos reys D. Duarte e D. Affonso o V.*, por Duarte Nunes de Leão..., vols. I-II, Oficina de José de Aquino Bulhões, Lisboa, 1780.

⁽¹⁸⁾ MORGANTI, Bento – «Continua a mesma matéria», in *O Anonymo*, n.º 15, 1754, pp. 19-21.

⁽¹⁹⁾ Um dos factores que deram impulso à pesquisa de um mecanismo preciso de marcação das horas foi a vida dentro dos mosteiros medievais. A disciplina nesses mosteiros era muito rígida, sendo necessário estabelecer um horário para o despertar, para as orações, as refeições, os diferentes labores, o recolhimento, etc. Na Idade Média, o toque dos sinos das igrejas assumiu um papel muito importante na vida da sociedade, pois os sinos não somente chamavam os fiéis para as cerimónias, como também indicavam as horas do dia. Os mecanismos para se tocar os sinos eram feitos com rodas dentadas e alavancas que oscilavam, daí que tal premissa possa ter contribuído para a invenção dos mecanismos dos relógios. Veja-se mais detalhadamente estas questões em ROSSUM, Gerhard Dohrn-van – «A horologia medieval e o desenvolvimento do relógio de engrenagens», in *História da Hora: os relógios e a ordem temporal moderna*, 1.ª edição, Temas e Debates, Lisboa, 2001, cap. IV, pp. 51-121. A propósito da história particular predomínio do relógio mecânico na cultura ocidental medieval, veja-se as ilações históricas a este respeito nos artigos em «Relógio astronomico de Strasburgo», in *O Panorama*, vol. I, 3.ª série, ft. 9, 31 Outubro 1846, pp. 70-71 ou em «Os relógios», in *O Panorama*, vol. I, 5.ª série, ft. 14, 1866, pp. 110-111.

⁽²⁰⁾ «Apesar da assiduidade com que se empregava na direcção da sua escola, não lhe faltava tempo para corresponder-se com os mais eminentes personagens da sua epocha; entregava-se tambem, no silencio da noute, ao seu estudo predilecto, a mechanica; fazia então clepsydros de rodas, órgãos hydraulicos, relogios solares e outros instrumentos proprios para medir o tempo. Parece demonstrado que Gerberto inventára uma especie de telescopios com que conseguiu tornar mais faceis as observações astronomicas; e os seus biographos asseveram que a elle se deve tambem o meio de dominar o fluido electrico, attribuido seiscentos annos depois a Franklin. [...] Gerberto, no decurso dos seus trabalhos de alta mechanica, procurára aproveitar o vapôr como força motriz, e que o applicára a um órgão mechanico de grande dimensão.» Vd. «O Papa Sylvestre II [Gerberto]», in *O Panorama*, vol. II, 3.ª série, fts. 28/48, 9 Julho 1853/26 Novembro 1853, pp. 221/384. Para uma completa e actualizada sinopse biográfica acerca de Gerbert d'Aurillac, consulte os seguintes artigos «Gerbert d'Aurillac, o eterno mestre-aprendiz» e «O Papa do Milénio», inclusos

Os relógios deste tipo começaram a ser colocados nas torres das igrejas, passando a servir não apenas as comunidades religiosas, como também o bulício das populações em franco crescimento.

Portanto, o último tópico de investigação desenvolvido por Bento Morganti em *O Anonymo* foi dedicado à interpretação do historial do relógio sineiro da Sé de Lisboa. Mandado instalar por ordem de D. Fernando em 1377,⁽²¹⁾ a instalação de “um relógio de torre, batendo sinos” na Sé de Lisboa teve a responsabilidade de um artífice relojoeiro, um tal “Mestre João Francês”, como se encontra patente na inscrição no próprio sino:

“Uma das coisas mais nobres e mais antigas que há na basílica de Santa Maria é o antigo sino do relógio, mandado fazer por ordem do senhor rei D. Fernando e do cabido da mesma igreja. É cercado com três círculos de letras góticas, bastantemente danificadas, e, nos vãos que ficam entre os letreiros, tem diversas armas, da mesma sorte consumidas no tempo, e alguns selos igualmente arruinados, [...].

Tem este sino de altura até as presilhas sete palmos, e polegadas, uma e meia. De diâmetro pela parte exterior, oito palmos, e polegadas, uma e meia. De diâmetro pela parte interior, seis palmos, e polegadas, cinco. E de circunferência pela parte exterior, vinte e quatro palmos e meio.

[...] Ainda que estes caracteres góticos, depois de averiguadas no seu original, não são dos mais dificultuosos, contudo, sempre me pareceu bem reduzi-los aos romanos, para ficar mais fácil a sua lição, suposto haver algumas dicções inconciliáveis, e outras truncadas. E diz este primeiro letreiro: *Sxe mtanipana comoda sana laudo Deum verum voco populum congreo clerum defunctos ploro satham fugo festa de coro.*⁽²²⁾

Diz o segundo letreiro: *Angele qui meus es custos pietate superna me tibi comissum salva defende gubernam mentem sanctam spontaneam honorem Deo, et Patriae liberationem.*

Terceiro letreiro. *Em a Era de mil trezentos, quinze annos^[sic] foi feito este sino do Relógio em a muy noble cidade de Lisboa por mandado do muy noble Rey Dom Fernando de*

na série de LANGELLIER, Jean-Pierre – «Heróis do Ano Mil», in *Público/Le Monde*, Lisboa, 1-2 Agosto 2000, pp. 18-19/20-21.

⁽²¹⁾ Este investimento terá sido participado em partes iguais pelo monarca, pelo cabido da cidade e pelos homens bons da urbe. Como o mecanismo era altamente complexo e como a sua pouca fiabilidade exigia uma manutenção constante, o relojoeiro receberia, além do seu salário, uma determinada quantidade anual em azeite para que o seu mecanismo pudesse ser oleado. Cf. MENDES LEAL, José – *Monumentos Nacionaes*, Typographia Franco-Portuguesa, Lisboa, 1868.

⁽²²⁾ Vd. CASTILHO, Júlio de – *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, vol. VI, [s. n.], Lisboa, 1934, p. 78.

Portugal, e do muy honrado Cabido da dita Cidade de Lisboa dez homens bons desta Cidade Mestre Ioam Frances me fez.”⁽²³⁾

No âmbito do seu discurso historiográfico, *O Anonymo* fez uso das mais variadas fontes e obras históricas nos comentários apresentados num estilo conciso e de fácil leitura. Observam-se ainda as nítidas preocupações por uma crítica imparcial, elucidativa e de respeito aos bons costumes, em que o autor defendia a profusão dos periódicos de índole similar, acessíveis a todas as bolsas. É certo que também se defendia das fortes críticas de diversas entidades eruditas, declarando que o Conhecimento poderia ser acessível a todos e não a um grupo restrito de sábios, talvez uma das razões porque defendia o anonimato das suas publicações, não fosse este periódico *O Anonymo*...

⁽²³⁾ MORGANTI, Bento – «Continua a mesma matéria», in *O Anonymo*, n.º 16, 1754, pp. 29-31.